

DAD SQUARISI

Mau aluno

Está em todos os manuais de pedagogia. Aprender é mudar de comportamento. Em outras palavras: adotar outro jeito de agir.

Valem exemplos. O professor ensina que 'pesquisa' se escreve com s. O aluno insiste em grafar com z. Não aprendeu. O diabético sabe que comer carboidratos ou deleitar-se com um uisquinho aumentam a taxa de glicose no sangue. Mas não renuncia aos prazeres da mesa. Foi reprovado.

O mesmo ocorre com o gordo. Ele lê artigos, devora livros, anota conselhos das colunas de saúde sobre a importância de fazer caminhadas. Sabe que, andando, diminui o peso, estimula a circulação e previne a osteoporose. Mas não abre mão do carro. Pega o quatro rodas até para ir à padaria da esquina. Não mudou o comportamento. Continua na estaca zero.

A observação vale para o governo. É de conhecimento de todos que a eletrônica matou a privacidade. Os microfones e câmeras são cada vez menores. E cada vez mais invasivos. Viraram espiões.

Conhecem-se casos. Alguns vêm de fora. Os recadinhos de

Clinton ficaram registrados na secretaria eletrônica de Monica Lewinsky. A indiscrição romântica do príncipe Charles invadiu os quatro cantos do mundo. Sua Alteza Real confessou o desejo exótico de ser o tampão da amada Camilla. Virou garoto-propaganda da Tampax.

Por estas bandas as coisas não são diferentes. Sem falar nos episódios vira-latas dos Ronivons Santiago, Chicões Brígidos ou dos Magris de 30 mil dinheiros, vale lembrar casos de gente com pedigree. Ninguém menos que FHC teve conversas gravadas. Três bate-papos dele bateram à porta da Polícia Federal no lance do grampo do chefe do Cerimonial do Planalto.

O governo não aprendeu. Foi mau aluno. Agora, vêm as gravações clandestinas de telefonemas da cúpula das privatizações. Ninguém sabe exatamente quantas são. Sabe-se apenas que são muitas. Nas conversas indiscretas do ministro das Comunicações, Mendonça de Barros, e do presidente do BNDES, André Lara Resende. Nem Fernando Henrique Cardoso escapou do grampo.

A *Veja* publicou o conteúdo de duas fitas. Mendonça de Barros chiou. Disse que as gravações foram editadas. Isto é, divulgaram-se os trechos que interessavam (a quem as trouxe à luz) e ocultaram-se outros. A notícia estaria desfalcada. É como pinçar uma frase de um livro. Subtraído de seu ambiente lingüístico, o enunciado perde o verdadeiro significado.

Conclusão: os brasileiros tomam conhecimento de parcela da verdade. E, mesmo ela, vem envolta em dúvidas e suspeitas. O que há mais? Ninguém duvida de que os autores do grampo são ousados e inteligentes. A eles convém criar clima de indefinição e intranqüilidade. As outras gravações aparecerão na hora que lhes parecer oportuna. O temor e a expectativa afetam o país.

Por que não revelar ao público o teor completo das conversas? A divulgação ampla — até via Internet — só traz vantagens. Acabam-se as especulações. O governo volta à rotina. Poderá empenhar-se na votação das medidas de ajuste fiscal e das reformas que tramitam no Congresso.